



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU –
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FRANCÊS**

DANIEL BONFIM LEAL

TITUBA E A VOZ DOS SILENCIADOS
Revisitando a história em *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*

Rio de Janeiro
2025

DANIEL BONFIM LEAL

TITUBA E A VOZ DOS SILENCIADOS

Revisitando a história em *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Ensino de Francês do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Orientadora: Dra. Claudia Maria Pereira de Almeida.

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

L435 Leal, Daniel Bonfim
Tituba e a voz dos silenciados : revisitando a história em Moi, Tituba, sorcière noire de Salem / Daniel Bonfim Leal. - Rio de Janeiro, 2025.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Claudia Maria Pereira de Almeida.

1. Língua francesa - Estudo e ensino. 2. Condé, Maryse, 1937-2024. Moi, Tituba sorcière, noire de Salem. 3. Escravidão. 4. Brasil - História. 4. Brasil - Cultura. I. Almeida, Claudia Maria Pereira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 440

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

DANIEL BONFIM LEAL

TITUBA E A VOZ DOS SILENCIADOS

Revisitando a história em *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Ensino de Francês do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Aprovado em 7 de junho de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra Claudia Maria Pereira de Almeida
Colégio Pedro II
Orientadora

Prof. Dr. Luciano Passos Moraes
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos professores do curso de Especialização em Ensino de francês do Colégio Pedro II por todo o ensinamento, especialmente à orientadora deste trabalho, Claudia Maria Pereira de Almeida, que com seu olhar cuidadoso me deu conselhos valiosos que vou levar para minha vida acadêmica.

Agradeço igualmente a meus colegas de turma, com quem dividi experiências e reflexões.

RESUMO

LEAL, Daniel Bonfim. **Tituba e a voz dos silenciados**: Revisitando a história em *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho tem como objetivo apresentar um romance da autora guadalupense Maryse Condé, *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, e discutir o interesse pedagógico que a obra pode suscitar para o ensino do francês no Brasil. A autora de língua francesa reflete em sua escrita a busca pela identidade de sua terra natal, um território francês marcado por um passado de colonização e escravidão. Em *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, obra que faz referência ao julgamento histórico de bruxas da cidade de Salem a partir de 1692, a autora se apropria de uma personagem histórica para dar voz a grupos silenciados pela história, principalmente aqueles originários de povos africanos escravizados. Esse ponto dialoga com aspectos da história do Brasil, e podem ser explorados para fomentar discussões sobre racismo, direitos humanos e diversidade cultural nas escolas brasileiras, o que segue as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tais discussões demonstram como o ensino do francês, muito tempo voltado para o estudo da cultura da França, pode abordar temas que dialogam com nossa cultura. Para a realização do trabalho, busquei fontes que tratam da obra e da carreira de Maryse Condé, citando também reflexões de Cyana Lehady-Dios, que fala da educação cidadã através da literatura, e trechos da BNCC.

Palavras-chave: Condé; francês; ensino; escravidão; Brasil

RÉSUMÉ

LEAL, Daniel Bonfim. **Tituba e a voz dos silenciados**: Revisitando a história em *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Ce travail a pour objectif de présenter un roman de l'auteure guadeloupéenne Maryse Condé, *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, et de discuter de l'intérêt pédagogique que l'œuvre peut susciter pour l'enseignement du français au Brésil. L'auteure francophone reflète dans son écriture la quête d'identité de sa terre natale, un territoire français marqué par un passé de colonisation et d'esclavage. Dans *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, œuvre qui fait référence au procès historique des sorcières de la ville de Salem à partir de 1692, l'auteure s'approprie un personnage historique pour donner la parole à des groupes réduits au silence par l'histoire, notamment ceux issus des peuples africains réduits en esclavage. Ce point entre en résonance avec certains aspects de l'histoire du Brésil et peut être exploité pour susciter des discussions sur le racisme, les droits humains et la diversité culturelle dans les écoles brésiliennes, conformément aux directives de la Base Nacional Comum Curricular (BNCC). De telles discussions montrent comment l'enseignement du français, longtemps centré sur l'étude de la culture de la France hexagonale, peut aborder des thématiques en lien avec notre propre culture. Pour la réalisation de ce travail, j'ai consulté des sources traitant de l'œuvre et de la carrière de Maryse Condé, et j'ai cité également des réflexions de Cyana Lehady-Dios, qui évoque l'éducation citoyenne à travers la littérature, ainsi que des extraits de la BNCC.

Mots-clés: Condé; français; enseignement; esclavage; Brésil

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 | SOBRE A AUTORA | 8 |
| 2.1 | Pequena biografia | 8 |
| 2.2 | Maryse Condé e a identidade caribenha | 9 |
| 3 | APRESENTAÇÃO DA OBRA | 12 |
| 3.1 | Enredo | 12 |
| 3.2 | Tituba e seu papel nos processos de Salem: dados históricos | 13 |
| 4 | TITUBA E A VOZ DOS SILENCIADOS | 17 |
| 5 | MARYSE CONDÉ E A CULTURA BRASILEIRA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ... | 20 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 23 |
| 7 | REFERÊNCIAS | 24 |

1 INTRODUÇÃO

Maryse Condé faleceu em 2 de abril de 2024. No anúncio de sua morte, vendo as homenagens e as retrospectivas de sua trajetória, dei-me conta de que sua obra era completamente desconhecida para mim. Tive o sentimento de que, em minha trajetória universitária em francês ou como professor de francês durante quase 20 anos, essa era uma lacuna que deveria ser preenchida.

Ao consultar sua obra, um romance me chamou particularmente a atenção: *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*. Lembrei-me imediatamente da peça teatral *The crucible*, de Arthur Miller, que me era muito familiar, e da personagem Tituba, que era bastante secundária na obra. Percebi então que o romance de Maryse Condé oferecia algo particular: uma outra versão da história, o olhar dos marginalizados.

O prefácio de Conceição Evaristo à edição brasileira veio confirmar esse sentimento:

Maryse Condé se apropria do fato histórico, criando uma narrativa, em que a voz da personagem-narradora, Tituba, oferece outra versão do evento, distinta da oficial. A pesquisadora Ana Maria M. Roeber ressalta que o texto de Miller pretende consagrar um homem, John Proctor, um dos condenados, como herói. Nesse sentido, a obra do teatrólogo americano segue uma tradição consagrada pela literatura e pelo teatro, a de alçar sempre a figura masculina à condição de herói-protagonista.

Maryse Condé cria em campo diferenciado de tradição, ou melhor, cunha o seu texto no lugar de uma não tradição. A sua narrativa traz como protagonista uma mulher. E é nela que a escritora concentra o seu foco, desejando lhe conferir uma heroicidade (Condé, 2024, p. 8).

O presente trabalho é uma trajetória de descoberta do romance de Maryse Condé, ao mesmo tempo em que apresenta reflexões sobre como esse texto pode ser produtivo nas aulas de francês no Brasil. Acredito que, em um contexto em que se discute a importância de perspectivas de ensino decoloniais, a leitura da obra de Condé é de grande valor. Além de sua qualidade linguística e literária – elementos importantes para a escolha do material a ser usado em sala de aula – esse romance se configura como ferramenta para alavancar discussões a respeito de temas relevantes como silenciamento de vozes minoritárias e tensões dos discursos civilizatórios.

2 SOBRE A AUTORA

2.1 Pequena biografia

Maryse Condé, cujo nome de solteira é Maryse Liliane Appoline Boucolon, nasceu em 11 de fevereiro em Pointe-à-Pitre, principal cidade do departamento ultramarino francês de Guadalupe, no Caribe. Foi a última filha de uma família de classe média-alta e seus pais consideravam-se cidadãos franceses com plenos direitos, posição esta que a escritora questionará em seus escritos. Em um texto intitulado *Liaison dangereuse*, de 2007, afirma:

Eu relatei em *Le cœur à rire et à pleurer: contes vrais de mon enfance*, cresci em uma família que tinha o fetichismo do francês. Meu pai o venerava como se venera uma mulher. Minha mãe, cuja própria mãe nunca soube ler nem escrever, muito menos falar francês, considerava-o a chave mágica que abre todas as portas do sucesso social. Todas as noites, em vez de nos contar as tradicionais aventuras de Coelho e Zamba, ela nos recitava Victor Hugo, poeta pelo qual nutro até hoje uma aversão particular. Durante suas estadias em Paris, meus pais ficavam particularmente mortificados quando garçons de restaurantes e cafés se extasiavam com sua habilidade de se expressar em francês. "Não somos tão franceses quanto eles?", suspirava tristemente meu pai, esquecendo um detalhe importante, sua bela pele negra (Condé, 2007, p. 207)¹.

O trecho acima sintetiza a relação complexa que a autora estabeleceu com a metrópole francesa durante sua vida. Metrópole essa para onde se mudou aos 16 anos, a fim de completar seus estudos em um liceu. Posteriormente, estudou Literatura Clássica na Sorbonne. De acordo com Aída Maria Jorge Ribeiro, "foi naquele momento de sua primeira vivência em solo europeu que, segundo sua declaração, se deu conta de que pertencia à "raça" negra" (2017, p. 19).

Em 1959, casou-se com o ator Mamadou Condé, nascido na Guiné. Maryse Condé passou a viver na África, na Guiné, em Gana e no Senegal, até o seu divórcio em 1981. A realidade com que se deparou, em um continente marcado por corrupção, autoritarismo e desigualdades sociais, frustrou suas ilusões de encontrar nesse

¹ Je l'ai raconté dans *Le cœur à rire et à pleurer : contes vrais de mon enfance*, j'ai grandi dans une famille qui avait le fétichisme du français. Mon père le vénérât comme on vénère une femme. Ma mère, dont la propre mère n'avait jamais su ni lire ni écrire, a fortiori parler le français, le considérait comme la clé magique qui ouvre toutes les portes de la réussite sociale. Chaque soir, au lieu de nous conter les traditionnelles aventures de Lapin et de Zamba, elle nous récitait du Victor Hugo, poète pour lequel j'éprouve jusqu'au jour d'aujourd'hui une aversion particulière. Lors de leurs séjours à Paris mes parents étaient particulièrement mortifiés lorsque serveurs et garçons de café s'extasiaient sur leur habileté à s'exprimer en français. « Ne sommes-nous donc pas aussi français qu'eux », soupirait tristement mon père en oubliant un détail d'importance, son noir bon teint.

As traduções, com exceção dos trechos do romance *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem* foram feitas por mim.

continente as raízes que buscava. Em *La vie sans fards*, a autora afirma:

Fiquei arrasada. Assim, a África não se limitava a me rejeitar. Ela me desnudava. Ela não somente levava meu homem. Mas aniquilava o meu passado, minhas referências, em uma palavra, ela destruía minha identidade.

Eu não era mais nada (Condé, 2012, p. 260)².

Sua experiência na África, assim como seus anos iniciais na capital francesa, foi determinante em sua trajetória intelectual e literária. Segundo Eurídice Figueiredo, “apesar dos reveses, o período passado na África foi de formação e de aprendizado; foi ao fim dessa iniciação que ela foi capaz de começar a escrever sua obra literária e ensaística” (2015, p. 185).

Posteriormente, Maryse Condé casou-se com o cidadão britânico Richard Philcox, e, ao mesmo tempo em que consolidava sua atividade literária, passou a lecionar em universidades na França e nos Estados Unidos.

Condé começou a escrever depois dos 40 anos, e seus textos abordam temas como a busca pela identidade e a diáspora africana. Entre suas principais obras estão *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem* (1986) e *Ségou* (1984-1985), além de inúmeros romances, peças de teatro e ensaios. A autora faleceu no dia 2 de abril de 2024, aos 90 anos, na França.

2.2 Maryse Condé e a identidade caribenha

Diferentemente de outras regiões e países, como o Haiti e a Argélia, a ilha de Guadalupe, assim como a Martinica, ambas no arquipélago do Caribe, nunca se tornou independente da França. Seu status oficial atual não é de colônia, mas de um território francês ultramarino, assim como a Guiana Francesa. A mudança de status ocorreu através da lei de 19 de março de 1946, que, segundo consta no site do conselho constitucional francês, “erigia as quatro “velhas colônias” de Guadalupe, Guiana, Martinica e da Reunião em departamentos [...] e respondia essencialmente à preocupação de assegurar às populações locais a igualdade de direitos que não lhes eram garantidos pelo princípio colonial de especificidade legislativa”³ (Le Pourhiet,

² J'étais effondrée. Ainsi, l'Afrique ne se bornait pas à me rejeter. Elle me dénudait. Non seulement, elle me prenait mon homme. Mais, elle annihilait mon passé, mes références, en un mot, elle détruisait mon identité.

Je n'étais plus rien.

³ La loi du 19 mars 1946 érigeant les quatre « vieilles colonies » de Guadeloupe, Guyane, Martinique et la Réunion en départements (...) répondait essentiellement au souci d'assurer aux populations locales l'égalité des droits sociaux que ne leur garantissait pas le principe colonial de spécialité législative.

2002).

A lei de 19 de março de 1946 foi inicialmente defendida por políticos e intelectuais dessas regiões, como Aimé Césaire, à época deputado da Martinica. Como aponta Maël Lavenaire em sua tese de doutorado intitulada *Décolonisation et changement social aux Antilles françaises*, Aimé Césaire defendia a lei a fim de “trazer uma melhora social ao cotidiano de uma população que conhece a miséria em sua grande maioria⁴ (Lavenaire, 2017, p. 44).

Vozes posteriores críticas a essa assimilação afirmam que ela impediu essas antigas colônias de adquirir sua independência. Adrien Guilleau, do MDES (Movimento para a Descolonização e a Emancipação Social), que hoje luta pela emancipação da Guiana Francesa, afirma:

Sob pretexto de um assimilacionismo que deveria conferir um tratamento igual para os/as franceses/as da metrópole e os/as habitantes das colônias, poucas vozes se levantaram para condenar esse endurecimento da situação colonial que então impedira esses territórios de se beneficiar da onda de descolonização dos anos 50 e 60 (Guilleau, 2023)⁵.

Conforme o discurso oficial da época, tal mudança significou que os cidadãos destes territórios, pelo menos em teoria, passaram a ter os mesmos direitos dos cidadãos franceses. Uma parte dos guadalupenses abraçou essa identidade, assim como os pais de Maryse Condé, a quem a autora em algumas ocasiões chamou de “alienados”:

Meus pais eram alienados? Certamente, eles não sentiam nenhum orgulho de sua herança africana. Eles a ignoravam. É um fato! [...] Como minha mãe, ele estava convencido de que só a cultura ocidental vale a pena existir e se mostrava grato à França que lhes havia permitido obtê-la (Condé, 1999, p. 17-18)⁶.

A experiência da autora na capital francesa a convenceu de que não era uma cidadã francesa como os da França metropolitana, pois não só a cor de sua pele, mas também o passado de sua terra natal, marcado pelo peso da escravidão e da

⁴ apporter une amélioration sociale au quotidien d'une population qui connaît la « misère » pour sa très grande majorité.

⁵ Au prétexte d'un assimilationnisme devant permettre une égalité de traitement entre les Français-es de « métropole » et les habitant-es des colonies, peu de voix s'élèvent alors pour condamner ce renforcement colonial qui empêchera pourtant ces territoires de bénéficier de la vague de décolonisation des années 50 et 60.

⁶ Mes parents étaient-ils des aliénés ? Sûr et certain, ils n'éprouvaient aucun orgueil de leur héritage africain. Ils l'ignoraient. C'est un fait ! (...) Comme ma mère, il était convaincu que seule la culture occidentale vaut la peine d'exister et il se montra reconnaissant envers la France qui leur avait permis de l'obtenir.

colonização, era totalmente diferente. Segundo Eurídice Figueiredo, foi ao chegar em Paris que Condé começou a descobrir sua identidade antilhana, através dos escritos de Aimé Césaire e Frantz Fanon, ambos originários da Martinica, outro departamento ultramarino francês (Figueiredo, 2015, p. 182).

Nessa descoberta, a negritude foi um elemento de grande relevância. Na obra *Liberté 3: Négritude et civilisation de l'universel*, o escritor senegalês Léopold Sédar Senghor cita Aimé Césaire para dar uma definição da negritude, sendo esta “o simples reconhecimento do fato de ser negro, e a aceitação desse fato, de nosso destino de negro, de nossa história e de nossa cultura” (Senghor, 1977, p. 277)⁷. A negritude foi um movimento literário que agregou escritores negros de países que foram colonizados pela França. O movimento surgiu em Paris, e pregava a solidariedade entre os afrodescendentes e a valorização de suas raízes em comum, lutando contra o racismo e o colonialismo. Apesar de não ter participado oficialmente do movimento da negritude, Maryse Condé compartilhava muitas de suas preocupações, como o enaltecimento da cultura negra e a luta contra o racismo.

É interessante notar como a trajetória de vida de Maryse Condé parece refletir sua busca pela identidade. Se não foi na capital francesa que a autora encontrou suas raízes, foi no continente africano que parece ter ido buscá-las. Entretanto, essas expectativas foram frustradas pela constatação de que Condé também se sentia uma estrangeira no continente africano. Essa busca identitária se tornou um pano de fundo de muitas de suas obras. Como afirma Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli:

Vemos, portanto, que a autora, como produto de uma vida de jornadas, [...] parece refletir sua diáspora literária em suas obras, como se falasse das muitas travessias (*crossings*) que realizou. [...] As obras de Condé exprimem o contato, o sincronismo e os cruzamentos entre culturas, assegurando a conscientização que ajuda a construir o interesse pelo seu próprio povo e compreender a sua própria história tão marcada por imigrações e hibridismos (2011, p. 81).

Após nos atermos brevemente à vida da autora e ao contexto em que produziu sua obra, passaremos à apresentação de *Moi, Tituba, Sorcière noire de Salem*.

⁷ la simple reconnaissance du fait d'être noir, et l'acceptation de ce fait, de notre destin de noir, de notre histoire e de notre culture.

3. APRESENTAÇÃO DA OBRA

3.1 Enredo

Antes de propor a leitura de alguns aspectos da obra e do simbolismo de sua protagonista, resumirei aqui os principais pontos da intriga do romance. Tituba nasceu em Barbados, uma ilha situada no mar do Caribe. Foi concebida quando sua mãe Abena, uma escrava, foi estuprada por um marinheiro inglês. Em outra ocasião, Abena tenta se defender de outra agressão e é enforcada como punição. Expulsa da plantação onde vivia até então, Tituba, aos sete anos, é acolhida por Mama Yaya, uma velha que lhe ensina medicina tradicional africana à base de ervas, iniciando-a na comunicação com o mundo invisível.

Um dia, ela conhece e se apaixona por um belo escravo chamado John Indian (outro personagem histórico), filho de um dos últimos índios Arawak e uma escrava africana. Para viver com ele, ela se torna voluntariamente uma empregada doméstica de Susanna Endicott, a viúva de um rico fazendeiro. Humilhada pela maneira como é tratada por Susanna, ela se vinga usando seus poderes sobrenaturais para infligir nela uma doença fatal. Mas a mulher branca moribunda tem sua própria vingança quando vende John Indian e Tituba para o Sr. Samuel Parris que, tendo fracassado em seus negócios em Barbados, parte para Boston na esperança de começar uma nova carreira como ministro religioso.

John e Tituba se encontram no clima inóspito da Boston puritana, onde a dureza da sociedade combina com o clima frio. Apesar das circunstâncias hostis, Tituba encontra consolo no amor de John e nos cuidados com a esposa inválida de Parris, Elizabeth, sua filha Betsey e sua sobrinha órfã Abigail Williams. Embora John e Tituba tenham sido cristianizados e casados à força pelo Sr. Parris, eles também foram repetidamente informados de que a cor de sua pele era a marca de Satanás sobre eles. Depois de passar um ano miserável em Boston, o Sr. Parris aceita o cargo de ministro na cidade de Salem e a família se muda.

Nesse ponto da história do romance entram diversos personagens baseados em figuras históricas do processo de Salem. Tituba descreve o clima puritano e opressor da cidade, obcecada com a luta contra Satanás. Também descreve as acusações de bruxaria por parte de Betsey e Elizabeth, a quem respeitava e se dedicava até então. Ela nos conta como é interrogada, torturada, presa e encarcerada. Na prisão, Tituba encontra Hester Prynne, personagem do romance *A Letra Escarlate*

(1850), de Nathaniel Hawthorne.

Ao fim dos julgamentos, Tituba é vendida a um comerciante judeu, Benjamin Cohen d'Azevedo, para cuidar de seus 9 filhos. Permanece aí até que puritanos ateiam fogo na casa de Benjamin, matando todas as crianças. Ele, então, decide libertá-la e mandá-la de volta a Barbados, onde Tituba junta-se a um grupo de escravos foragidos. Envolvendo-se em uma rebelião de escravos contra os fazendeiros brancos, ela é enforcada. No epílogo, Tituba conta como seu espírito continua a alimentar a revolta e os sonhos de liberdade dos escravizados.

3.2 Tituba e seu papel nos processos de Salem: dados históricos

Apesar de o texto de Maryse Condé não se apresentar como um romance histórico, muitos dos personagens aí descritos, inclusive Tituba, são figuras históricas. Sem a preocupação de analisar a exatidão de referências do romance, creio que, para a presente análise, é importante termos algumas informações sobre o processo que se desencadeou em Salem. Como fonte principal, utilizo o livro *As Bruxas: intriga, traição e histeria em Salem* (2021), de Stacy Schiff, obra essa que se propõe a analisar o caso do ponto de vista histórico.

O que se conhece hoje como os julgamentos das bruxas de Salem foram uma série de audiências e processos que se desenrolaram entre fevereiro de 1692 e maio de 1693. Ao todo, mais de 200 pessoas foram acusadas de bruxaria, e cerca de 20 foram executadas, além de inúmeras prisões.

A população da Nova Inglaterra, região onde se localiza a cidade de Salem, era praticamente toda composta por puritanos. Viviam de acordo com o que acreditavam serem as leis de Deus, e se viam em uma luta contra o diabo e as forças do mal. Como afirma Stacy Schiff, na Nova Inglaterra “não se duvidava da realidade da bruxaria, como também não se duvidava da verdade literal da Bíblia” (2021, p. 22). Apesar de historicamente homens terem sido acusados de bruxaria, a maioria das acusações recaía sobre mulheres, vistas como mais suscetíveis aos avanços satânicos.

Inicialmente, algumas meninas, como Betty Parris (que Condé chama em seu romance de Betsey), filha do reverendo Samuel Parris, e sua sobrinha Abigail Williams começaram a apresentar sintomas estranhos, como convulsões e gritos. Sem uma explicação para os fenômenos, começou-se a investigar a hipótese de bruxaria. Com isso, começaram as acusações. Tituba, que era mantida como escrava na casa da família Parris, foi a primeira personagem histórica a “confessar” a prática de bruxaria,

dando um testemunho cheio de detalhes e acusando outras moradoras da cidade. Pode-se supor que a confissão de Tituba se deveu a pressões e ameaças que uma figura em sua posição havia sofrido. O fato é que essa foi a prova de que os juízes precisavam para prosseguir o processo, e foi a primeira de uma série de confissões: “Do exemplo de Tituba em diante, os testemunhos de Salem explodem com vigorosa intensidade” (Schiff, 2021, p. 101).

Um dos aspectos mais espantosos nesse episódio histórico é o fato de que as pessoas executadas eram aquelas que haviam sido denunciadas, e se negavam a confessar. As que o faziam, mesmo que presas, tinham a vida poupada. Como afirmou uma das acusadas, Margaret Jacobs, citada por Stacy Schiff, “eles me disseram que se eu não confessasse seria posta no calabouço e enforcada, mas se confessasse ficaria viva” (2021, p. 213). Não é difícil entender que isso somente alimentou a onda de histeria que se abateu sobre Salem, pois quem queria viver deveria confessar algo não feito, o que só confirmava a narrativa dos juízes de acusação. Ninguém foi poupado. Filhas acusavam mães, vizinhos denunciavam uns aos outros, crianças e idosos foram presos e alguns condenados. Houve inocentes que se recusavam a confessar, e foram executados. Esse aspecto foi explorado por Arthur Miller em uma de suas principais obras, *The crucible* (1953), que retratou esse episódio em forma de uma peça teatral. Essa peça, adaptada para o cinema em 1996, é uma das responsáveis por resgatar a memória desse período histórico.

As acusações de bruxaria, ao mesmo tempo em que atingiam pessoas influentes na comunidade, passaram a ser alvo de críticas e ceticismo. Até que, após cerca de um ano do início dos processos, o governador William Phips encerrou os julgamentos e libertou os prisioneiros. Stacy Schiff indica que Tituba, apesar de ter sido a primeira a “confessar”, foi a última acusada de bruxaria a ser solta, tendo aparentemente passado 22 meses na prisão.

Por fim, é preciso destacar uma lacuna histórica: pouco se sabe sobre a vida de Tituba, e muitos estudiosos afirmam que ela não era de origem africana, mas sim indígena. Em seu artigo *Purloined Identity: The Racial Metamorphosis of Tituba of Salem Village*, Veta Smith Tucker aponta que:

A história da vida de Tituba não está registrada nas histórias dos julgamentos das bruxas de Salem. Aqueles que assumiram a autoridade de registrar esses eventos acreditaram ser completamente aceitável omitir a biografia de Tituba, a primeira testemunha a

confessar nos processos de Salem (Tucker, 2000, p. 624)⁸.

A autora discute no artigo como a identidade racial de Tituba foi reinterpretada ao longo do tempo, sendo ora descrita como uma mulher indígena, ora como afro-indígena, e em outros momentos como de origem africana. Tucker argumenta que, embora os registros de Salem descrevam Tituba como uma “escrava originária das Índias Ocidentais, que provavelmente praticava vodu”⁹ (p. 624), as metamorfoses de sua representação ao longo dos anos refletiram mudanças das percepções raciais e culturais da sociedade americana.

Apesar de Tucker não dar uma resposta definitiva à questão, mostrando argumentos a favor e contra essa ou aquela identidade, outros estudiosos, como Stacy Schiff, parecem não ter problemas em identificar Tituba como indígena. Jane Moss, em seu artigo *Postmodernizing the Salem Witchcraze: Maryse Condé’s I, Tituba, Black Witch of Salem*, também é categórica em afirmar que Tituba não era negra (p. 5).

O que poderia justificar a representação de Tituba como uma personagem negra, apesar de alguns autores afirmarem haver evidências de que ela tinha origem indígena? É interessante notar que o próprio título do romance *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem*, parece apontar uma escolha consciente dessa representação.

Primeiramente, Maryse Condé não foi a primeira autora a fazê-lo. Outras obras, como *The crucible* (1953), de Arthur Miller, e *Tituba of Salem Village* (1964), da escritora afro-americana Ann Petry, já haviam representado a personagem dessa forma. Em um artigo de 1974, Chadwick Hansen afirma que Tituba, que em suas palavras era uma índia caribenha, teve sua identidade mudada por historiadores e dramaturgos ao longo dos anos, e que “sua própria raça foi mudada de indígena, para mestiça de indígena e negra, até tornar-se negra” (Hansen, 1974, p. 3)¹⁰.

Não encontrei registros onde Maryse Condé tenha comentado a questão da origem étnica de Tituba. Entretanto, em uma entrevista a Ann Armstrong Scarborough, em 1992, a autora afirma:

Para mim, Tituba não é um romance histórico. Tituba é exatamente o oposto de um romance histórico. Eu não estava nem um pouco

⁸ The story of Tituba’s life is not recorded in histories of the Salem witch trials. Those who assumed the authority to record these events found it completely acceptable to omit the biography of Tituba, Salem’s first witness confessor.

⁹ a slave originating from the West Indies and probably practicing hoodoo.

¹⁰ her own race has been changed from Indian, to half-Indian and half-Negro, to Negro

interessada em como poderia ter sido sua vida real. Eu tinha alguns documentos precisos: seu depoimento. Ele constitui a única parte histórica do romance, e eu não estava interessada em obter nada além disso. Eu realmente inventei Tituba. Dei a ela uma infância, uma adolescência e uma velhice. Ao mesmo tempo, eu queria transformar Tituba em uma espécie de heroína feminina, uma heroína épica, como a lendária Nanny dos maroons (Scarboro, 1992, p. 200-201)¹¹.

Portanto, de certa forma, Maryse Condé resolve a questão afirmando que sua obra é o oposto de um romance histórico. *Sua* Tituba é uma reapropriação, onde a autora aproveitou uma lacuna histórica e se deu a liberdade de inventar todas as etapas da vida da personagem, de sua origem até sua morte, dando-lhe ares de uma heroína, como Nanny dos Maroons, que, conforme apresentado em um vídeo postado em 2 de março de 2025 no canal *Sankofa Pan African Series* do *Youtube*, foi figura central na história jamaicana e um símbolo da resistência contra a opressão colonial britânica.

¹¹ For me *Tituba* is not a historical novel. *Tituba* is just the opposite of a historical novel. I was not interested at all in what her real life could have been. I had a few precise documents: her deposition testimony. It forms the only historical part of the novel, and I was not interested in getting anything more than that. I really invented Tituba. I gave her a childhood, an adolescence, and old age. At the same time I wanted to turn Tituba into a sort of female hero, and epic heroine, like the legendary "Nanny of the maroons."

4. TITUBA E A VOZ DOS SILENCIADOS

A leitura de *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem* certamente desperta muitas reflexões, dentre as quais, uma das primeiras talvez seja identificar nessa obra o esforço de dar voz a uma personagem histórica silenciada, esquecida pela história oficial. Depois de ter sofrido as dores da escravidão, de ter sido acusada de bruxaria e presa, Tituba desabafa:

Eu sentia que nesses julgamentos das bruxas de Salem, que fariam escorrer tanta tinta, que excitariam a curiosidade e a piedade das gerações futuras [...] o meu nome apenas figuraria como o de uma comparsa sem interesse. Mencionariam aqui e ali “uma escrava originária das Antilhas, praticante de “hoodoo””. Não se incomodariam nem com minha idade nem com minha personalidade. Eles me ignorariam (Condé, 2024, p. 163).

O trecho acima seria uma confirmação dessa interpretação. Sem querer negar essa leitura, creio que há uma certa contradição nessa visão. Como aponta Jane Moss, Tituba não é uma personagem completamente esquecida pela história. Moss lista diversas obras onde Tituba é citada ou é protagonista, dando destaque para o romance da escritora afro-americana Ann Petry, *Tituba of Salem Village*, de 1964 que Maryse Condé certamente conhecia, pois cita a obra na nota historiográfica ao fim de seu romance (p. 250). Além disso, Jane Moss aponta para outra contradição ao afirmar que Tituba não era negra, mas indígena. Moss vê uma possível contradição em querer dar voz a uma figura histórica marginalizada alterando suas origens, indicando que seria outra forma de silenciamento (Moss, 1999, p. 16).

Não se pretende aqui determinar se Tituba era realmente de origem africana ou não. Mas a possibilidade, apontada por diversos autores, de que ela era em realidade de origem indígena, fez-me pensar que é importante frisar que a personagem de Maryse Condé é uma reapropriação. A autora oferece, certamente, uma outra visão da história, mas recriando o passado à sua maneira. Como destacado na seção anterior, a autora afirmou que sua obra é o contrário de um romance histórico, e que ela buscou transformar Tituba em uma heroína, como Nanny dos Maroons. Ao comparar a obra de Condé com o romance de Ann Petry, que mostra Tituba como uma vítima histórica dos processos de bruxaria, Jane Moss oferece uma interessante visão, ao afirmar que:

Ela [Condé] está conscientemente reescrevendo Petry e a história

porque quer que Tituba seja uma bruxa, mas uma bruxa no sentido afro-caribenho da palavra – uma mulher com conhecimento do mundo natural e ligações espirituais com o mundo invisível. Ela quer que ela seja culpada de causar mal aos seus inimigos malignos e desafiar a autoridade daqueles que abusam dela. E, finalmente, ela quer que Tituba subverta radicalmente as perspectivas históricas e os códigos culturais para se reinventar em suas próprias palavras (Moss, 1999, p. 15)¹².

A personagem Tituba do romance de Condé realmente pratica aquilo do que é acusada, tendo poderes para se comunicar com o mundo dos espíritos e para curar ou amaldiçoar alguém. Entretanto, essa magia não tem nenhuma relação com o diabo. A personagem afirma: “nesta sociedade, eles dão à função bruxa uma conotação errônea. A “bruxa”, se vamos usar essa palavra, corrige as coisas, endireita, consola, cura...” (Condé, 2024, p. 145). Tituba aprende sua magia de Mama Yaya, resgatando um conhecimento ancestral, associado às mulheres. Em diversos momentos Tituba se afasta para praticar sua magia, como se entrasse em um terreno de liberdade, que precisava esconder pois era incompreendido.

O romance traz também a perspectiva de que Tituba, que foi a primeira testemunha histórica a “confessar” bruxaria nos processos de Salem, realizou esse ato para se vingar da comunidade que a escravizou, assim como se vingou de sua antiga proprietária pelas humilhações, ao fazê-la ficar doente. Portanto, a Tituba de Condé é certamente uma vítima, mas que tem forças para desafiar seus algozes.

Tituba é apresentada como uma mulher oprimida devido a sua raça e gênero. Em sua trajetória, ela encontra outros personagens oprimidos, como John Indien, um homem indígena escravizado com quem se casa, e Benjamin Cohen d’Azevedo um judeu vítima de intolerância que tem todos os filhos mortos em um incêndio criminoso. Outro encontro curioso, é com Hester Prynne, personagem ficcional do romance *A Letra Escarlate*, de Nathaniel Hawthorne. Na obra de Hawthorne, Hester é jovem mulher que é condenada por adultério e forçada a usar permanentemente uma enorme letra "A" bordada em vermelho em sua roupa como marca que assegura que todos que a vejam conheçam sua transgressão. Tituba, ao trocar com ela sua experiência de vida, afirma: “Essa criatura, tão boa quanto bela, sofria o martírio. Foi,

¹² She is consciously rewriting Petry and History because she wants Tituba to be a witch, but a witch in the AfroCaribbean sense of the word—a woman with knowledge of the natural world and spiritual links to the invisible world. She wants her to be guilty of doing harm to her evil enemies and challenging the authority of those who abuse her. And finally, she wants Tituba to subvert historical perspectives and cultural codes radically in order to re-invent herself in her own words.

mais uma vez, uma vítima que trataram como culpada. As mulheres são condenadas a isso nesse mundo?” (Condé, 2024, p. 147-148).

A obra de Condé, portanto, não se restringe ao foco na opressão dos povos ‘escravizados de origem africana, mas abre o leque apontando e dando voz a indivíduos e grupos minoritários oprimidos historicamente nos Estados Unidos e em vários países do ocidente. Dessa forma, apesar de a história se passar principalmente nos Estados Unidos, ela também ganha um tom universal.

É interessante notar que o final do romance *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem* coincide com a história da rainha Nanny, que teria liderado os Maroons de Windward, uma comunidade de africanos anteriormente escravizados, em sua luta pela liberdade contra o domínio colonial. Na nota historiográfica do romance, Maryse Condé aponta que, ao contrário de outras figuras históricas citadas nos processos de Salem, o destino de Tituba é desconhecido, o que permitiu dar-lhe um final de sua escolha (2024, p. 250).

Na obra de Condé, a personagem Tituba, em seus últimos dias se junta a um grupo que resiste à escravidão e é enforcada como punição. Entretanto, a obra não tem um desfecho pessimista. Tituba continua presente como espírito, observando o mundo dos vivos e alimentando futuras revoltas.

Pois, viva ou morta, visível ou invisível, eu continuo a cuidar e a curar. Mas, sobretudo, fui designada a outra tarefa[...] Alentar o coração dos homens. Alimentar seus sonhos de liberdade. De vitória. Não há uma revolta que eu não tenha feito nascer. Uma insurreição sequer. Uma desobediência (Condé, 2024, p. 244).

No epílogo do romance, Tituba ainda afirma:

Minha história verdadeira começa onde ela termina e não terá fim. [...] ela existe, a canção de Tituba! Eu a ouço por toda a ilha, de North Point a Silver Sands, de Bridgetown a Bottom Bay. Outro dia, ouvi um menino de quatro ou cinco anos cantarolando-a (Condé, 2024, p. 243).

Portanto, mais do que dar voz a uma figura histórica esquecida, Maryse Condé através de sua obra, apropria-se da personagem para lançar novas perspectivas sobre o próprio passado, o dos povos africanos escravizados. Transforma, sobretudo, Tituba em um símbolo de resistência, cuja canção dá voz a todos aqueles e aquelas que foram oprimidos e silenciados ao longo da história, e que sonharam com liberdade.

5. MARYSE CONDÉ E A CULTURA BRASILEIRA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Conceição Evaristo, uma das escritoras brasileiras mais proeminentes da literatura atual, em uma entrevista para a Agência do Brasil afirma que a literatura negra:

não é só uma literatura do prazer, é uma literatura que incomoda, que tira fora do lugar, que perturba e faz pensar. Não fazemos elogio à 'casa grande'. Pelo contrário, a gente denuncia a prepotência da 'casa grande', essa colonização moderna que ainda existe na medida em que grupos sociais herdeiros da casa grande ainda pretendem manter mulheres negras numa situação de subalternidade (Agência Brasil, 2023).

Da mesma forma, a obra de Maryse Condé traz questionamentos e denúncias. No romance *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem* estão presentes muitos dos temas recorrentemente tratados pela autora, como a diáspora africana e a situação dos povos escravizados do passado. Para Condé, analisar esse passado é uma forma de compreender o presente e buscar suas próprias raízes. Tais temas dialogam com muitos aspectos da cultura do Brasil, que também é um país marcado por um passado escravagista, e que, apesar dos esforços recentes, ainda tem dificuldades em compreender a amplitude das marcas desse passado.

O ensino do francês no Brasil é fortemente marcado por traços culturais da França metropolitana, principalmente de Paris. A institucionalização da disciplina *Français Langue Étrangère* (FLE), que, segundo Felipe Dezerto “ começa a tomar forma nas décadas de 50 e 60, após o início da descolonização, em um projeto dito de renovação cultural e linguística da França no exterior” (Dezerto, 2016, p. 111) certamente exerceu grande influência no ensino do francês no Brasil. Felipe Dezerto ressalta que pensar nessa institucionalização nos ajuda a compreender como o ensino do francês é representado em nosso país (p. 109). O autor ainda faz uma separação entre o ensino do francês e o ensino do FLE, esse último fruto de uma política linguística com vistas a aumentar a influência da França no cenário internacional. Outros pesquisadores também apontam o FLE como um dispositivo neocolonial, pois, como destaca Felipe Dezerto, apesar de pretensamente promover a cultura de outros

países de língua francesa, “essas políticas de língua têm seu ponto de partida e centro (...) na própria França (p. 114).

As discussões sobre educação antirracista e decolonial, que se intensificaram mais recentemente, também acentuaram o questionamento, sobretudo dos professores, mas também dos alunos, sobre a necessidade de incluir a diversidade de culturas francófonas e de vozes silenciadas nos estudos de francês. A leitura da obra de Maryse Condé, e mais especialmente o romance *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, em sua integralidade ou em trechos é certamente muito bem-vinda nas aulas de francês na Educação Básica para fomentar discussões sobre racismo, direitos humanos e diversidade cultural, o que segue as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (Brasil, 2018, p. 13).

A BNCC, que não trata especificamente do ensino do francês, mas em cujas diretrizes essa disciplina deve se nortear, também coloca como uma das metas da educação brasileira a valorização das heranças africanas e indígenas ao propor o estudo da história “educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena” (Brasil, 2018, p. 19). Ainda segundo a BNCC, deve-se incluir o ensino da história da África e dos povos indígenas desde o ensino fundamental, como mostra o trecho abaixo do documento.

A valorização da história da África e das culturas afro-brasileira e indígena [...] ganha realce não apenas em razão do tema da escravidão, mas, especialmente, por se levar em conta a história e os saberes produzidos por essas populações ao longo de sua duração. Ao mesmo tempo, são objetos de conhecimento os processos de inclusão/exclusão dessas populações nas recém-formadas nações do Brasil e da América ao longo dos séculos XIX e XX (Brasil, 2018, p. 417-418).

A literatura desempenha papel importante na compreensão da história e na formação cidadã dos alunos. Cyana Leahy-Dios, em seu livro *Educação literária como metáfora social*, defende o poder transformador do ensino literário.

Ao tentar definir o perfil da educação literária, apresentei várias questões, uma das quais era a de que o estudo da literatura poderia levar: à formação de pessoas *melhores*, ao domínio de uma língua escrita mais *elevada*, à compreensão de fatos históricos, políticos e

sociais. Tentei provar que o papel central da disciplina deveria ser o fortalecimento dos alunos para sua participação ativa e crítica na sociedade, através do exercício pedagógico de relações dialógicas com textos nas aulas de literatura, de um ponto de vista teórico e prático. A educação literária que aqui proponho ajudaria a construir "pessoas melhores", no sentido de serem sujeitos mais competentes para validar a cidadania e nela se engajar, buscando a formação de comunidades democráticas (Leahy-Dios, 2024, p.233).

Segundo a autora, a literatura seria uma matéria interdisciplinar, conectada a áreas como filosofia da educação, estudos culturais, história e estudos sociais (p. XXII). A literatura seria, portanto, capaz de contribuir com uma educação cidadã, levando o aluno à compreensão de fatos históricos, políticos e sociais e a uma consciência sócio-política crítica.

Um exemplo concreto do uso da obra de Maryse Condé no ensino de francês foi dado pelo colégio Pedro II, que em seu livro didático *Perspectives*, da 1ª série do Ensino Médio, elaborado pelos professores do Departamento de francês do próprio colégio. Nesse volume, foi incluído um texto de Maryse Condé, *Liaison dangereuse*, que trata de temas como racismo e herança colonial. As perguntas de compreensão de texto levam os alunos a refletir sobre essas questões.

A leitura de Maryse Condé pode contribuir não só com as aulas de francês, mas também com os conhecimentos de literatura universal. O Brasil, assim como a terra natal de Maryse Condé, é um país marcado pelo passado de escravidão dos povos africanos. Ler e discutir a obra da autora, é, portanto, uma oportunidade de, enquanto brasileiros, dialogarmos com nações cujas tradições também possuem marcas profundas da escravidão e de sua herança africana. Ao mesmo tempo, a leitura da obra de Condé, e de *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem* em especial, pode nos ajudar a revisitarmos nosso passado, refletir sobre nossa própria história, procurando outras perspectivas para compreender nosso presente e agir sobre ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os manuais que usei nas aulas de francês até hoje foram produzidos e publicados na França. De memória, não me recordo de qualquer menção a Maryse Condé. Com sua morte, é possível que seu nome comece a ser mencionado e trechos de suas obras sejam incluídos nesses materiais.

A realização deste trabalho me fez refletir sobre a necessidade de, enquanto professor de francês, sair dos métodos de francês tradicionais, pautados pelo FLE, e buscar descobrir outras vozes, outros autores que me proporcionem a descoberta de outras possibilidades para trabalhar a língua. Conforme tentei mostrar, creio que obras como *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem* dialogam com aspectos culturais de nosso país, o que somente enriqueceria as minhas aulas.

Entretanto meu interesse não foi somente profissional. Sendo apaixonado por literatura e tendo lido obras de grandes autores da literatura francesa como Flaubert, Rimbaud, Marguerite Yourcenar ou Romain Gary, tive uma satisfação pessoal de descobrir *Moi, Tituba, sorcière noire de Salem*, que colocaria entre meus livros preferidos que li em francês. Espero que essa tenha sido a primeira de muitas leituras não só de Maryse Condé, mas de outros autores de língua francófona.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Literatura negra incomoda e faz pensar, diz Conceição Evaristo**. 26 set. 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/literatura-negra-incomoda-e-faz-pensar-diz-conceicao-evaristo>. Acesso em: 4 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/educacao-basica/bncc>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CAVAGNOLI, Ana Carolina Andrade Pessanha. **A ventriloquia de Maryse Condé – atravessando o manguezal de hibridismos e ambivalências**. Faculdade de Letras de Coimbra, 2011. Disponível em

<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/18600/1/A%20Ventriloquia%20de%20Maryse%20Cond%C3%A9.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CONDÉ, Maryse. **Le cœur à rire et à pleurer – Souvenirs de mon enfance**. Paris : Robert Laffont, 1999.

CONDÉ, Maryse. **Liaison dangereuse**. IN: LE BRIS, Michel; ROUAUD, Jean. Pour une littérature-monde. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

CONDÉ, Maryse **La vie sans fards**. Paris : JC Lattès, 2012.

CONDÉ, Maryse **Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salem**. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 2024.

DEZERTO, Felipe. O Français Langue Etrangère e a redistribuição internacional do ensino de francês: o caso do Brasil. **Revista Matranga**, vol 23. n. 38. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/view/21206/18159>. Acesso em: 4 maio 2025.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EdUFF, 1998.

FIGUEIREDO, Eurídice. Caribe francófono e África: interseções. **Revista Brasileira do Caribe**, vol. XVI, nº. 30, enero-junio, 2015, pp. 175-193. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Brasil. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=159142612009>. Acesso em: 4 maio 2025.

GUILLEAU, Adrien. Point d'étape sur la décolonisation de la Guyane. **Inprecor**, 2024, 11 de março. Disponível em: <https://inprecor.fr/node/3762>. Acesso em: 27 abr. 2025.

HANSEN, Chadwick. The Metamorphosis of Tituba or Why American Intellectuals Can't Tell an Indian Witch from a Negro. **The New England Quarterly** 47 (Março 1974): 3-12.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A letra escarlate**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

LAVENAIRE, Mäel. **Décolonisation et changement social aux Antilles françaises De l'assimilation à la « Départementalisation » ; socio-histoire d'une construction paradoxale (1946-1961)**. Pointe-à-Pitre , 2018. Tese de Doutorado apresentada à Université des Antilles. Disponível em: <https://hal.science/tel-01675708/file/D%C3%A9colonisation%20et%20changement%20social%20aux%20Antilles%20fran%C3%A7aises%20%281946-1961%29%20-%20Ma%C3%ABi%20LAVENAIRE%202017.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LE POURHIET, Anne-Marie. Départements d'outre-mer : l'assimilation en questions. **Cahier du conseil constitutionnel**, 2002. Disponível em: <https://www.conseil-constitutionnel.fr/nouveaux-cahiers-du-conseil-constitutionnel/departements-d-outre-mer-l-assimilation-en-questions#:~:text=La%20loi%20du%2019%20mars,leur%20garantissait%20pas%20e%20principe>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social; Desvios e rumos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOSS, Jane. Postmodernizing the Salem Witchcraze: Maryse Condé's I, Tituba, Black Witch of Salem. **Colby Quarterly**, Volume 35, n.1, p. 5-17, March 1999.

RIBEIRO, Aída Maria Jorge. **Maryse Condé, relatos (auto) biográficos**. Niterói, 2017. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense.

SANKOFA PAN AMERICAN SERIES. **Queen Nanny of the Maroons Jamaica's Fearless Military Genius**. [Vídeo]. Publicado em 02 de março de 2025. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=UGUE1009bl0>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SCARBORO, Ann Armstrong. Posfácio I, **Tituba, Black Witch of Salem**. Tradução. Richard Philcox. New York: Ballantine Books, 1992. 187-225.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Liberté 3: Négritude et civilisation de l'universel**. Paris : Éditions du seuil, 1977.

SCHIFF, Stacy. **As bruxas: Intriga, traição e histeria em Salem**. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.

TUCKER, Veta Smith. Purloined Identity: The Racial Metamorphosis of Tituba of Salem Village. **Journal of Black Studies**, v. 30, n. 5, p. 624–637, maio 2000.